

Manoel de
Oliveira

Testemunho

Testemunho

Por Manoel de Oliveira

O Prof. Doutor P. João Francisco Marques, meu tão querido Amigo, um dos que resta da animada tertúlia que se realizava aos sábados, sempre na Póvoa de Varzim, com José Régio, tertúlia que, depois da morte prematura do nosso saudoso Poeta, os mesmos que o acompanharam em vida, continuaram a reunir-se, e assim o faziam em memória e homenagem ao Mestre que nele víamos. Essas reuniões tinham um particular sabor pelo que colhíamos do saber do poeta, escritor e ensaísta, tão acolhedor e atento às nossas opiniões e às nossas impressões, e uma justeza que se ganhava pela autenticidade que ele sempre punha tanto no que dizia como na réplica ao que ouvia. E nisso sentíamos o apreço que ele dava a essas reuniões que ele próprio até era o primeiro a desejá-las .

211

Deste último conjunto de tão ilustradas e despretenciosas pessoas, pouco a pouco o tempo os levava. Resta-nos a lembrança deles, permanecendo connosco em espírito. O Flávio Gonçalves, o Orlando Taipa, o Luís Amaro de Oliveira, o Joaquim Pacheco Neves.

Essas reuniões tomava-as eu, não somente por uma tertúlia de amigos, mas como autênticas aulas. Sim. Até as via como se fora uma universidade, tão elevado era, por vezes, o que nelas se discutia. Nunca fui mestre em cousa alguma. Sempre me tive por aluno em tudo o que faço; até no cinema, que pratico há mais de sessenta anos, me sinto de filme para filme, cada vez mais aprendiz. Não é falsa modéstia, pois sei bem o que em matéria de cinema sei. Mas sei que não sei o suficiente e, esse resto tão importante, é cousa que sempre nos escapa. Por isso sou sincero no que digo. E porque assim digo, assim com eles só aprendi.

De todo este grupo, hoje só nos resta um: justamente o jubilado, o R João Marques, o Amigo, o Mestre, o que hoje acumula todos os outros e a quem devo, porque lhes devo também aos que se foram, - para além desse muito que a vida nos ensina, - uma grande parte do meu saber. O João Marques, permitam-me trata-lo assim, tão familiarmente, nesta circunstancia tão nobre e tão solene: João Marques tem sido um esteio em muitos dos meus trabalhos. Como seria possível fazer o filme *Não ou a vã Glória de Mandar*, ou o documentário *Lisboa Cultural*, ou *Palavras e Utopia*, do P. António Vieira, que acabo de escrever, sem a sua achega histórica e, tantas vezes, literária?

Portugal tem escondido na Póvoa de Varzim, sua terra natal, um homem de grandes merecimentos. Digo escondido porque ele, na sua natural modéstia, se deixa apagar da cena nacional e internacional e, porque, ao contrário de tantos outros de igual ou inferior valor, e até menor autenticidade que a dele, não propaga os seus méritos, nem se alia a nenhum dos *lobbys* tão em voga e tão característicos da nossa capital.

Prof. Doutor P. João Francisco Marques. Surpresa minha. Só agora soube pela carta recebida a propósito da sua jubilação, que também era Francisco; curiosamente Francisco era o nome de meu irmão mais velho, do meu pai e do meu avô paterno; perdoem-me o aparte e voltemos ao nosso jubilado. Ele merece a maior homenagem de seus inúmeros alunos que por certo lha vão fazer, e sendo eu destes o mais velho, sem qualquer rabugice própria das pessoas já desta idade avançada, presto-lhe a minha mais rasgada, mais grata, mais calorosa e sincera das homenagens.